

**Música bagaceira e malícia: sentidos
erótico-dançantes da infregatividade
entre homens com práticas
homoeróticas em Recife**

Bagaceira music and malícia:
erotic-dancing senses of
infregatividade between men with
homoerotic practices in Recife

Tarsila Chiara A. S. Santana

Mestranda em Antropologia Social -PPGAS/UFRN

Pesquisadora do NAVIS - Núcleo de Antropologia

Visual da UFRN

tarsila.chiara@gmail.com

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

Resumo: A partir de uma etnografia realizada em Recife, Pernambuco, sobre música eletrônica dançante, procuro analisar os sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas. A *infregatividade* é mediada pela forma como os interlocutores performatizam a dança embalada pelo estilo de música eletrônica dançante intitulado como *bagaceira*. Em um primeiro momento, apresento uma sucinta definição sobre o que entendo por música eletrônica, para, assim, situar o estilo musical *bagaceira* como um dos estilos que compõem o circuito musical da música eletrônica dançante em Recife. Ao situar a particularidade do estilo *bagaceira*, também procuro apresentar as diferenças musicais presentes entre a música *Wrecking Ball* da cantora norte-americana Miley Cyrus e a sua versão pernambucana, a música *Bateu a Química* da Banda Sedutora. Em um segundo momento, pretendo analisar a influência do estilo *bagaceira* nas festas direcionadas ao público LGBT, destacando como a *infregatividade* produzida nas interações entre meus interlocutores confere os sentidos erótico-dançantes à essas interações nos diferentes espaços de sociabilidade etnografados.

Palavras-chave: Música Eletrônica Dançante; *Bagaceira*; *Infregatividade*; Homoerotismo Masculino.

Abstract: From an ethnography held in Recife, Pernambuco, about electronic dance music, I try to analyze the erotic-dancing senses of *infregatividade* among men with homoerotic practices. The *infregatividade* is mediated by the way the interlocutors performatize the dance packed by the style of electronic dance music titled as *bagaceira*. At first, I present a succinct definition of what I mean by electronic music, in order to situate the music style as one of the styles that make up the musical circuit of electronic dance music in Recife. By placing the peculiarity of the style *bagaceira*, I also try to present the musical differences present between the song *Wrecking Ball* of the American singer Miley Cyrus and its Pernambuco version, the song *Bateu a Química* of the *Sedutora*. In a second moment, I intend to analyze the influence of the *bagaceira* style in the parties directed to the LGBT public, highlighting how the *infregatividade* produced in the interactions between my interlocutors confers the erotic-dancing senses to these interactions in the different spaces of sociability ethnography.

Keywords: Electronic Music Dance; *Bagaceira*; *Infregatividade*; Male Homoeroticism.

Introdução¹

A partir de uma etnografia realizada em Recife, Pernambuco, sobre música eletrônica² procuro analisar os sentidos da *infregatividade*³ entre homens com práticas homoeróticas. A *infregatividade* é mediada pela forma como os interlocutores⁴ performatizam a dança embalada pelo estilo de *música eletrônica dançante*⁵ intitulado de *bagaceira*⁶. Em um primeiro momento, apresento uma sucinta definição sobre o que entendo por música eletrônica, para, assim, situar o estilo musical *bagaceira* como um dos estilos que compõem o circuito musical da *música eletrônica dançante* em Recife. Ao situar a particularidade do estilo *bagaceira*, também procuro apresentar as diferenças musicais presentes entre a música *Wrecking Ball* da cantora norte-americana Miley Cyrus e a sua versão pernambucana, a música *Bateu a Química* da Banda Sedutora. Em um segundo momento, pretendo ainda analisar a influência do estilo *bagaceira* nas festas direcionadas ao público LGBT, destacando como a *infregatividade* produzida nas interações entre meus interlocutores confere um sentido erótico-dançantes à essas interações nos diferentes espaços de sociabilidade etnografados.

Nesse sentido, contextualizo brevemente os espaços de sociabilidade onde o estilo musical classificado como *bagaceira* se apresentou de forma mais intensa nos trajetos dos meus interlocutores. Para tanto, apresento relatos etnográficos das interações-dançantes em três diferentes espaços: a pista do Bar Brasil do Clube Metrópole, a festa Brega Naite e a Boate MKB. Deste modo, é importante ressaltar que, na cidade de Recife, os espaços voltados para o mercado GLS encontram-se próximos a avenida Conde da Boa Vista, principal avenida comercial da cidade, conforme podemos observar na 4ª edição do guia gay de Recife⁷. É nas proximidades da Avenida Conde da Boa Vista que fica situada a maioria dos estabelecimentos GLS da cidade de Recife. Considerada uma região mais permissível, segundo Victor⁸ “essa avenida é muito gay, é tipo uma Avenida Paulista recifense”.

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife



Foto 01 - Estabelecimentos *gay friendly* em Recife. Fonte: Guia Gay Recife 4ª edição (jul – out/16). Disponível em: https://issuu.com/guiya-editora/docs/guia_gay_recife_2016_1_gay_guide/1?ff=true&e=8101099/37013859. Acesso em 16 de março de 2017.

Neste artigo, vale ressaltar, destacarei apenas alguns dos espaços que compõem o circuito da *música eletrônica dançante* classificada como *bagaceira* pelos meus interlocutores⁹, que são eles: a Boate Metrôpole, o Santo Bar, a Boate MKB e a festa alternativa intitulada de Brega Naite que ocorre no Catamaran, festa mensal organizada pelo coletivo pernambucano Golarrolê¹⁰.

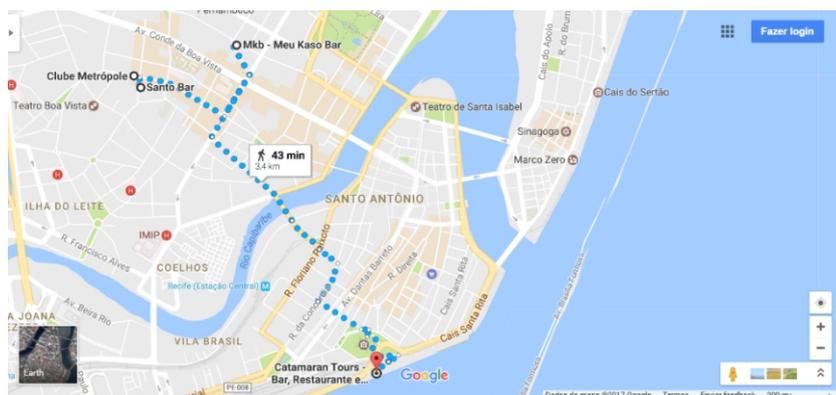


Foto 02 - Percursos da música eletrônica dançante *bagaceira*. Fonte: Google Maps.

Clube Metr pole

A Boate Metr pole fica localizada na rua das ninfas, 125, no centro da cidade de Recife. Próximo a boate   possível encontrar prédios residenciais, além de outros estabelecimentos voltado ao público LGBT. A boate conta com seis ambientes, a saber: pista *New York*, pista Brasil, Recife *night*, Escape, Au Au e camarote ostentação. Por ser considerado um espaço bem localizado, com uma estrutura diversificada e moderna, a boate atrai um público bastante heterog neo. A boate completou 14 anos de atividades em abril de 2016. Para Victor a boate já passou por diversas transformações: “a metro já foi a boate gay quero ser rica e ostentadora, mas logo a metro se adaptou para ser mais classe média e hoje é bem mista”. Esse processo de transformação aparece neste artigo a partir da inserção dos estilos musicais mais locais, a exemplo do brega, em sua programação mensal.

A boate investe na *música eletrônica dançante* em seus mais variados estilos, a exemplo do *house*, *tribal house*, *bagaceira* e *brasilidades*. Além disso, algumas festas contam com apresentações de bandas e cantores ligados ao brega pernambucano e de cantoras divas do *pop music*, como Pablo Vittar, Lorena Simpson e Wanessa Camargo. A Boate Metr pole, assim como o Santo Bar e o Miami Pub são estabelecimentos pertencentes ao Grupo Metr pole, que tem a empresária Maria do Céu como uma das responsáveis. Ligada a causas LGBT, a empresária é conhecida como a “madrinha da comunidade LGBT de Pernambuco”¹¹, título este dado pelo colunista Orismar Rodrigues. O grupo metr pole é o responsável pelo Instituto Boa Vista, que “surgiu com o Clube Metr pole como expressão de um compromisso social diante da necessidade de fornecer à Comunidade LGTB um amplo apoio e orientação às dificuldades encontradas no âmbito social, familiar e profissional, em razão da orientação sexual do indivíduo”¹².



Foto 03 - Prédio Clube Metr pole.
Fonte:Clube Metr pole



Foto 04 - Pista *New York* do Clube Metr pole.
Fonte: Clube Metr pole

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

Boate Meu Kaso Bar (MKB)

A Boate MKB iniciou suas atividades na cidade de Recife no ano de 2000 em uma casa localizada na Av. Oliveira Lima, nº 733, no centro de Recife. Após dois anos de atividades a boate foi transferida para o atual endereço, um casarão localizado na rua corredor do Bpo.6, Soledade, no centro da cidade de Recife. O nome da Boate Meu Kaso Bar “faz referência aos termos usados na época por gays e lésbicas para se referir às(os) parceiras(os)/ companheiras(os) de relação afetiva e sexual: as mulheres diziam “meu caso!”, e os homens “minha figura!”” (SOUZA, 2016, p.79, aspas do autor)¹³.

A boate conta com quatro ambientes musicais, a saber: eletrônico, pagode/samba, brega e mpb/rock/*flash black*, além de lanchonete e área de fumantes. A MKB fica localizada em uma região mais estigmatizada devido ao seu entorno ter um número maior de estabelecimentos comerciais que a noite estão fechados ou são voltados à prática sexual (cinemas, saunas, cabarés), dando a região uma desvalorização moral. Em sua página da internet a boate divulga o seguinte slogan “Nem melhor, Nem Pior, apenas um espaço diferente”¹⁴. A MKB é um espaço estigmatizado por muitos homens com práticas homoeróticas, inclusive pelos meus interlocutores, principalmente pelos que frequentam as boates Metrópole e San Sebastian. Por ser frequentado por um público mais popular, esse espaço é moralmente desvalorizado por ser considerado por alguns interlocutores como um “local que cheira a sexo”, “cheio de garotos de programas”, “povo feio e que se veste muito mal”. Mas se por um lado, a MKB é um espaço estigmatizado pelo público que o evita, por outro é valorizado pelo público que o frequenta, como se pode perceber na fala de alguns frequentadores: “aqui eu me sinto em casa, ninguém presta atenção no que estou vestindo”, “nos outros espaços eu sou desvalorizado porque não tenho um corpinho em forma”, “bicha, aqui é o paraíso, eu me sinto uma diva”.



Foto 05 - Fachada Boate MKB. Fonte: MKB



Foto 06 - Pista Brega da Boate MKB. Fonte: MKB

Brega Naite

A festa Brega Naite é organizada pelo coletivo pernambucano Golarrolê¹⁵. É uma festa interessante para analisar as diferentes interações promovidas pela musicalidade mais regional da *música eletrônica dançante*. Esta festa conta com apresentações de bandas do brega e brega funk, além de *deejays* que investem nos estilos *bagaceira* e *brasilidades*. A festa Brega Naite ocorre mensalmente no Catamaran, região turística da cidade, no cais de santa Rita, próximo ao Recife Antigo, locais onde geralmente ocorrem as festinhas alternativas da cidade, a exemplo das festas organizada pelo Golarrolê e da festa Parada Liberté¹⁶.

Nesse tipo de festa a diversidade musical foi algo destacado pelos meus interlocutores, como ponto favorável na hora de escolher o espaço a ser frequentado. Para Rafael¹⁷ trata-se de uma festa “interessante porque foge do tradicional eletrônico das boates, nessa festa há uma maior diversidade musical”. Já para Marcelo¹⁸ essas festas alternativas são interessantes por ocuparem os espaços mais centrais da cidade. Ainda segundo Marcelo:

O grupo do Golarrolê é um grupo que promove mensalmente a festa que vai hetero, que vai gay, mas é principalmente gay. Então, assim, também vai hetero que curte uma música tropical, brasileira, uma MPB dançante, um axé. Essa festa é super bombada, mas ela é feita no Catamaran, *em um espaço legal dentro da cidade*. Ela foge um pouco do padrão boate, escuro, obscuro, gueto, entendeu?! Esse mesmo grupo, o Golarrolê, promove a Brega Naite, outra festa que também é mensal (Marcelo, Recife, outubro de 2016).



Foto 07 - Festa Brega Naite. Fonte: Grupo Golarrolê

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

A música eletrônica e a música eletrônica em Recife

A *bagaceira* aqui [se referindo a cidade de Recife] é tipo forró, brega, funk. Aqui o brega é muito forte, muito forte mesmo e por incrível que pareça toca nas boates e bomba nas festas! Tanto é que tem o *Brega Naite*, que é uma festa só de brega que ocorre lá no Catamaran. (Victor, Recife, abril de 2016)

Este relato de Victor é interessante porque estabelece uma importante relação entre as boates recifenses e o estilo musical *brega*. Quando ressalta que “por incrível que pareça” a música brega também toca nas boates, ele procura chamar a atenção para o *lugar pouco comum* que esse estilo musical possui na programação dos espaços de sociabilidade GLS. No entanto, apesar de este estilo ser considerado sonoramente inapropriado em outros contextos, a exemplo de algumas das boates de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis, onde há uma predominância do estilo eletrônico de mais influência internacional, como o *house*, *eletrô house* e o *tribal house*, nas boates de Recife o estilo classificado como *bagaceira* faz parte da programação.

Nesse sentido, recordo-me de uma das várias conversas que tive com outros *deejays*¹⁹ na cidade de São Paulo e do estranhamento que eles relataram a respeito das suas experiências em boates do Nordeste. Um dos *deejays* disse: “Era eu tocando e ouvindo o forró no outro espaço”. Na ocasião dessa conversa, o colega *deejay* comentava sobre quando esteve em uma boate GLS em Natal. Ele disse ter ficado impressionado com o fato de a boate ter dois espaços bastantes diversificados: um que era reservado para apresentações de *deejays* que tocam *música eletrônica dançante*, e o outro espaço, por sua vez, era reservado para apresentações de bandas locais que tocam brega e forró. Esse estranhamento se deu também quando um amigo paulistano visitou a cidade de Recife pela primeira vez e foi comigo para a Boate Metrópole. Para ele, o fato de a boate ter espaços direcionados a estilos mais regionais era uma experiência diferente do contexto no qual ele estava acostumado: “Em São Paulo a boate tem várias pistas, mas é tudo eletrônico [se referindo as vertentes da *house music*], uma pista com o som mais pesado e outra pista com o som mais calmo, por exemplo. Aqui o *deejay* toca Calypso, Xuxa e É o Tchan. É muito diferente! ”. Esse amigo comentou, ainda, que a única festa que ele conhecia que *tocava de tudo* era a festa Gambiarra²⁰. Segundo ele, essa festa “dá público bem diferente das festas da *The Week* e só acontece esporadicamente na *The Week*, mas é um público bem diferente e não tem nada a ver com o grupo *The Week*, eles alugam o espaço”.

O grupo *The Week*²¹, mencionado por esse amigo, está presente no Brasil nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis e é classificado por alguns dos meus interlocutores, a exemplo de Carlos²², como um local que apresenta uma “música eletrônica mais refinada”. Esse *refinamento musical*, de acordo com seus relatos, exclui qualquer possibilidade de *estranhamentos sonoros*, como por exemplo, uma música que apareça em sua composição elementos considerados mais populares, como um vocal que fale da estação sé²³, ou uma batida que se aproxime a batida do funk²⁴. Isso acontece devido a imagem a qual boate se associa, como *ao moderno e ao descolado*, porque se trata de uma marca bastante presente em festas da Europa²⁵, tais como a maior *pool party* da Europa, o *Circuit Festival*, que ocorre anualmente em Barcelona, na Espanha²⁶.

Na pesquisa que estou desenvolvendo distancio-me de uma perspectiva restrita da música eletrônica de influência internacional, para alinhar-me a um olhar etnográfico mais detido da experiência musical vivenciada pelos meus interlocutores na cidade de Recife. Com esta proposta, classifico como música eletrônica toda a música produzida com auxílio de aparelhos eletrônicos e que seja reproduzida por um *deejay*, dependendo exclusivamente dos equipamentos eletrônicos para que o som seja sintetizado ou construído²⁷. Ressalto, aqui, a importância do *deejay* na execução desse estilo de música e consequentemente na função que essa música promove entre os dançantes. Estilo musical este que se diferencia de um outro estilo de música eletrônica: aquele classificado por Bacal (2012) como uma *música eletrônica erudita*. Nesse sentido, acho oportuno lançar mão da diferenciação analítica descrita por Severo (2015) sobre esses dois estilos musicais, destacando como principal diferença a função de ambos:

Talvez a diferença marcante entre música eletroacústica e a música eletroacústica dançante esteja também no modo como são organizadas as repetições dos sons ao longo da peça/música, além, é claro, do propósito, em termos de performance, que cada uma sugere: uma é para escutar, concentradamente e em um ambiente propício, silencioso e escuro; a outra é para dançar, em um ambiente com outros tipos de ruídos interferindo, como, por exemplo, a fala de pessoas conversando, somando ainda uma diversidade de luzes coloridas que também contribuem para o ambiente da performance (Ibidem, p. 184-185).

Deste modo, ao se trabalhar analiticamente com a *música eletrônica dançante* também se faz necessário destacar a relação corporal estabelecida entre os dançantes, experiência esta apontada por Neves (2016) da seguinte forma:

Música bagaceira e malícia: sentidos erótico-dançantes da infregatividade entre homens com práticas homoeróticas em Recife

A música é especificamente registrada por todo o corpo, não se trata apenas de cognição mental, este aspecto da experiência musical é vívido nas festas de música eletrônica, o dançante recebe a música, é afetado por ela através do corpo e expressa a ação da música em cada ato de sua dança. As vibrações de todas as músicas são capazes de serem comunicadas pelo corpo, a interação ocorrida entre sons e corpos será sempre parte de um resultado de respostas apreendidas, de disposições individual ou cultural (Ibidem, 2016, p.9).

Outro aspecto interessante, ao se trabalhar com a *música eletrônica dançante*, é a relação estabelecida com a tecnologia e os diferentes usos que os *deejays* fazem dela. Deste modo, um *deejay* pode se utilizar de diferentes equipamentos para mixar (misturar) uma ou mais músicas (notebooks, controladoras ou *pick-ups*, que variam de tamanho e funções de acordo com o modelo²⁸). O *deejay* é uma peça chave nas festas de *música eletrônica dançante*, é ele o responsável pelo repertório musical e pela animação da festa. A comunicação entre a pista e o *deejay* se dá por meio das músicas e dos efeitos corporais que esta provoca entre os dançantes. Assim como o uso das mídias, o *deejay* também é um importante meio para divulgação das músicas, pois, ele é ainda o responsável por fazer a música circular pelos diferentes espaços, recebendo muitas vezes a posição de *artista no cenário musical* (BACAL, 2012)²⁹.

A *música eletrônica dançante* apresenta uma variedade de estilos. Tratam-se de estilos que se diferenciam pela velocidade de batidas por minutos (bpm), pelas características sonoras específicas que, por sua vez, irão se diferenciar pelo uso ou não uso de determinado elemento sonoro. Podendo, assim, a *música eletrônica dançante* ser classificada entre diversos estilos a exemplo do *techno*³⁰, *house music*³¹, *drum and bass*³², *trance*³³, *minimal*³⁴, *brasilidades*³⁵, *bagaceira*³⁶, *pernambucolismo*³⁷ entre outros. Cada estilo apresenta características específicas que o distingue internamente de outros, por exemplo, o *house* apresenta diversas vertentes, *eletr house*, *tribal house*, *progressive house*, *big room house*, *techno house*, *deep house*, ou seja, um único estilo apresenta diversas variações internas que se distinguem entre si. O *house* é conhecido pela sua batida com um compasso 4x4, o que o torna um ritmo bastante dançante, mais conhecido como *música eletrônica dançante*. Os vocais constituem outro destaque no *house*, pois, eles comumente são apresentados em evidência, criando muitas vezes uma atmosfera festiva entre os dançantes, na qual todos cantam a mesma canção, ou seja, são vocais que dão realce para os refrãos encurtados e repetitivos.

Se em contextos mais gerais associo o *house music* e suas diversas vertentes as pistas de danças das principais boates brasileiras direcionadas ao público LGBT³⁸, no contexto aqui apresentado, a capital pernambucana, procuro analisar os estilos de *música eletrônica dançante* mais presentes nos espaços por mim frequentados, desta forma incluo também o estilo musical denominado de *bagaceira*.

A *bagaceira* e a musicalidade Pernambucana

Nas minhas primeiras incursões em campo, nos anos de 2013 e 2014, tentava compreender a dinâmica local e o papel desempenhado pela música eletrônica nas festas voltadas ao público LGBT. Ressalto, aqui, a influência dos estilos *house*, *tribal house* e *eletrô house* em minha trajetória enquanto *deejay* e como isso influenciava em minhas observações etnográficas. Acostumada com a dinâmica presente na cidade de São Paulo, com festas de música eletrônica com mais de 10 horas de duração, algumas chegando a ter 16 horas de duração (como algumas festas que fui na Boate The Week) e com a presença de milhares de pessoas, que se entregavam as batidas envolventes da música eletrônica de influência internacional, tive um certo estranhamento ao tocar pela primeira vez em uma festa no Nordeste e passar a acompanhar meus interlocutores nas boates em Recife. A *bagaceira* sempre esteve presente em meu trabalho de campo, porém eu não a enxergava como parte de minha pesquisa, pois minha trajetória individual estava fortemente marcada pela minha experiência em São Paulo. Mas depois de muitas releituras do meu material etnográfico, e isso só foi possível a partir de maio de 2015, quando estava na Boate MKB e notei que a pista principal era um local de passagem, as pessoas se divertiam, dançavam, entretanto, o movimento maior era na pista dedicada ao brega, com apresentações de bandas ao vivo. Pensei comigo: “minha pesquisa não está fluindo, que diferença de São Paulo”, mas nesse ínterim notei que, mesmo sem perceber claramente, toda vez que ia a campo na cidade de Recife, sempre comparava esta experiência com o contexto paulistano e era necessário me despir e passar a me entregar aos dados que o contexto pernambucano me apresentava, só assim passei a entender que, para falar de música eletrônica na cidade de Recife, seria necessário incluir os outros estilos, os quais em um primeiro momento pareceriam não ter nada a ver com minha pesquisa, mas que em um segundo momento se apresentaram como estilos de uma música eletrônica mais local. Não adiantava falar de *house*, *tribal house*, apenas, se os interlocutores queriam mesmo era falar da *bagaceira*. (...). Assim, passei a compreender melhor o papel das festas e das pistas voltadas a esse estilo musical em Recife. (Diário de campo, Recife, agosto de 2015).

O estilo musical classificado como *bagaceira* na cidade de Recife, representado

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

pelo brega e o brega-funk pernambucano, tem como principal característica a valorização dos aspectos da sonoridade local. Esse estilo musical, originado nas periferias da cidade, vem sendo disseminado para outros espaços da cidade. Refiro-me aqui aquelas festas em ambientes privados, a exemplo das festas *ixxfrega da paixão* do Santo Bar, da pista do Bar Brasil na Boate Metrópole e das festas do coletivo pernambucano Golarrolê; o *Brega Naite* que ocorre mensalmente no Catamaran, no bairro de São José; ou, ainda, nas festas em locais públicos da cidade, como a *Terça do Vinil*⁹ e do *Som da Rural*⁰.

Busco aqui descrever, nesse sentido, o que seria uma música *bagaceira* para os meus interlocutores e entender como esse estilo musical foi sendo inserido nos diferentes contextos aqui apresentados. Inicialmente, parto da definição compartilhada por um dos meus interlocutores, a saber:

Bagaceira eu defino como um estilo comum (mais popular e regional) a todos que vivem aqui [se referindo a cidade de Recife]. São diversos os gêneros, mas todos provenientes do brega. Contém letras que retratam o que acontece na vida da maioria e, sobretudo, nas favelas daqui (neste ponto se assemelha ao funk), mas sonoramente é parecido com o calypso, o arrocha, mas bem mais misto. (Danilo, Recife, outubro de 2016).

Nesta importante definição de Danilo⁴¹, a *música eletrônica dançante bagaceira* em Recife possui uma relativa aproximação sonora com o estilo do brega originado no Pará. Esta aproximação é interessante, pois nas minhas observações também pude notar que, nas apresentações dos *deejays*, em Recife, o brega pernambucano dividia espaço com o brega paraense, e ambos produziam efervescências entre os dançantes, fazendo a pista vibrar. Nesse sentido, como analisa Alves (2014, p.379):

No Recife, o brega funde-se com outras manifestações musicais, tornando-se complicado estabelecer as “fronteiras” entre cada uma delas. Outro aspecto importante é que Pernambuco e o Recife têm uma tradição na produção de um brega hoje chamado “original”, caracterizado por canções românticas e cafonas, remetendo-se a figuras respeitadas entre os produtores, críticos e músicos das mais diferentes formações e orientações, tal como é o caso do cantor Reginaldo Rossi. (...) **em Recife o brega teria como peculiaridade a proximidade e a fusão com outros gêneros e estilos como o forró, o funk carioca, o pagode baiano, o tecnobrega do Pará ou a suingueira (mistura de samba-reggae e pagode), entre outros** (aspas do autor e grifos meus)

Conforme apontado por Alves, o brega pernambucano é caracterizado pela fusão com outros estilos musicais⁴². Esta fusão e aproximação também aparece nos relatos etnográficos dos meus interlocutores, nos quais a definição do estilo *bagaceira* ora é apresentada com características do forró, ora com características do funk, ora, ainda, com características do tecnobrega do Pará.⁴³

A funcionalidade de promover a dança apresentada pela *bagaceira* analisada na capital pernambucana, aproxima-se da definição feita por Chada e Filho (2013) sobre o tecnobrega presente na cidade de Belém do Pará, local de destaque no cenário musical e onde o brega, em suas mais diversas vertentes, a exemplo do *brega pop* e do *tecnobrega*, é um estilo musical bastante presente nos espaços de sociabilidade urbana, tendo como função principal promover a dança⁴⁴. Em suas palavras:

O repertório musical do tecnobrega é funcional. Sua função principal é a dança. A ênfase é percussiva, os elementos rítmicos guiando os movimentos corporais. Utiliza principalmente instrumentos eletrônicos, como a bateria, o baixo e o teclado (sons sintetizados), algumas vezes em conjunto com instrumentos acústicos, e voz feminina e/ou masculina, priorizando o uso de tecnologias computacionais na manipulação de timbres, melodias e ritmos. As músicas apresentam pulso rápido (cerca de 160 a 200 batidas por minuto) e compasso quaternário. É perceptível a apropriação de timbres e fragmentos sampleados de diversas músicas, a mistura de múltiplas sonoridades, a incorporação no repertório musical de diferentes gêneros, de lugares e épocas distintas, assim enriquecendo a produção musical. (Ibidem, p.122).

Na experiência de Recife, a *infregatividade*, produzida no ato de dançar uma música *bagaceira*, é relacionada ao ato de sedução do parceiro. Para Danilo, ao dançar um brega, a sedução é algo que não pode faltar: “com brega tem sempre sedução e a *ixxfregação* rola solta”. Por isso, segundo sua definição, o brega é um “ritmo quente pra você dançar, pra se apaixonar. Pronto, falou tudo. Brega é isso aí!”.

Assim, ao analisar o estilo *bagaceira* presente nas pistas de danças das festas pelas quais circulei, também se fez necessário analisar a *bagaceira* a partir dos seus aspectos sonoros (a música em si), bem como os sentidos da *bagaceira* que resultam da interação entre os dançantes (a *infregatividade/ixxfregação*⁴⁵). Nesse sentido, a partir de uma conversa com meus interlocutores, tem-se que:

Maycon⁴⁶: Se a gente pegar o brega ele é uma *bagaceira*, nesse sentido

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

da palavra [se referindo a uma coisa de baixo nível].

Felipe⁴⁷: Mas aí, assim, é em parte. Vai ser *bagaceira* de acordo como a pessoa vai se comportar na dança.

Fábio⁴⁸: É isso que pensei, na musicalidade.

Felipe: Exatamente, porque às vezes a música é boa, mas da forma como ela está sendo dançada ela se torna *bagaceira*. Porque às vezes você se está dançando o brega normal, mas tem gente que extrapola.

Maycon: É uma safadeza danada.

Felipe: É uma safadeza tão grande que se torna uma *bagaceira*

Maycon: É uma putaria tão grande. Por isso que trato a swingueira como uma *bagaceira*, é por causa disso, mas lógico que não são todas.

Pesquisadora: Envolve uma erotização dos corpos?

Maycon: Eu acho

Felipe: A swingueira pode ser por causa das letras da música

Maycon: Mas é a forma de dançar totosa, tem a safadezinha amor, que é ótima. Eu adoro, não vou mentir. (Diário de campo, Recife, agosto de 2016)

A musicalidade presente nesses espaços, em sua articulação com a ambientação, promove diferentes formas de interação e sedução entre os dançantes. Pensar nesses diferentes estilos de *música eletrônica dançante* que encontrei nos espaços de sociabilidade frequentados pelos interlocutores desta pesquisa é relevante para pensar na singularidade que a música produz nas interações erotizadas.

Ressignificação sonora

Em Pernambuco o brega é um estilo musical bastante apreciado. Considerado o *Rei do Brega*, o cantor Reginaldo Rossi foi um dos ícones musicais desse estilo. No momento da pesquisa, nomes como Kelvis Duran, *o príncipe do Brega*; Michele Mello, mais conhecida como a *rainha do brega* ou a *Madonna de Pernambuco*; e as Bandas Sedutora e Kítara, entre outras, destacam-se na noite dedicada ao brega pernambucano. Com uma melodia envolvente e letras que evidenciam a *sufrência*, a *dor de cotovelo*, os *diferentes amores*, a *sedução*, a *conquista*, entre outros temas, este estilo musical tem ganhado públicos e espaços cada vez maiores. Ressalto que classifico o brega e o brega-funk como um estilo de *música eletrônica dançante* denominado de *bagaceira*, tendo em vista que são estilos musicais que fazem parte do repertório musical nas apresentações dos *deejays*, portanto, analiso-os aqui como estilos músicas mais locais.

A aproximação entre a *música eletrônica dançante* de influência internacional aparece nas inspirações de músicas de cantoras do *pop music* internacional, como Lady

Gaga, Beyoncé, Miley Cyrus, Katy Perry, para o brega pernambucano. Em maio de 2015 um dos jornais locais, o Diário de Pernambuco, publicou uma matéria sobre algumas versões bregas de *hits* internacionais, destacando essa prática como uma tendência no brega pernambucano: “Quando uma música faz sucesso sem o povo nem entender, imagina com uma letra boa, em português”⁴⁹, diz trecho da reportagem publicada pelo referido jornal.

Trago duas músicas bastante presentes nas pistas dos espaços por mim frequentados, a música *Wrecking Ball*⁵⁰ da cantora norte-americana Miley Cyrus e a sua versão brasileira no estilo brega pernambucano, a música Bateu a Química⁵¹ da Banda Sedutora. A versão pernambucana não se trata de uma tradução literal da letra, mas uma versão adaptada ao contexto local⁵², incluindo elementos da sonoridade e linguagem pernambucana ao ritmo. Palavras como *paquerou*, *bateu a química* e *gamei* são mencionadas na canção e os elementos bases no arranjo musical são compostos pela bateria, pelo baixo e pela guitarra. Nesse sentido, apresentam timbragens e mixagens semelhantes ao forró eletrônico. A conjugação desses elementos resulta no swingado muito presente na *bagaceira*. O clipe da música Bateu a Química teve muitos acessos no *youtube*, seja de pessoas apreciando o trabalho, seja de pessoas criticando a “falta de talento e senso artístico” da banda. A canção destaca a sofrência e o amor, temas bastante comuns nas músicas bregas. Abaixo segue a letra da música Bateu a Química:

Me olhou, te olhei
Paquerou, paquerei, daí então bateu a química
Me beijou, gamei
Me entreguei em teus braços, já estava perdida
Mas, no começo tudo é flores, aí veio o ciúmes e a gente brigou
Você me pediu um tempo, mas nem o tempo acaba uma história de amor

Estou sofrendo por amor
Estou com raiva desse amor, estou chorando por amor
Mas, é esse amor que eu quero aqui, é você que eu quero pra mim

Mas, no começo tudo é flores, aí vem o ciúmes e a gente brigou
Você me pediu um tempo mas, nem o tempo acaba uma história de amor

(Música Bateu a Química, Banda Sedutora)

Música bagaceira e malícia: sentidos erótico-dançantes da infregatividade entre homens com práticas homoeróticas em Recife

Neste artigo não pretendo analisar as letras das músicas, no entanto, cito-as para melhor contextualizar o argumento. Pois não se pode desprezar o fato de a Banda Sedutora está presente em todos os espaços por mim frequentados, a exemplo das apresentações dos *deejays* na festa *ixxfrega* da paixão do Santo Bar, na Pista Bar Brasil da Boate Metrópole ou da própria banda quando se trata de boates ou festas que dispõem de apresentações de bandas ao vivo, como a Pista *New York* do Clube Metrópole, a Boate MKB, a Festa *Brega Naite*, entre outros. Portanto, neste artigo não tenho a pretensão de fazer uma análise das letras de ambas as versões, mas, sim, pensar na composição musical e nas peculiaridades sonoras apresentadas pela versão Bateu a Química, como uma forma de melhor apresentar os elementos característicos do estilo musical *bagaceira* em Recife⁵³.

Transcrevo abaixo uma das conversas que tive com o produtor musical, Bruno Esteves⁵⁴. Muito embora seja um olhar mais técnico sobre algumas das características sonoras de ambas as versões, os destaques apontados por Bruno nos ajudam a entender um pouco mais as peculiaridades que marcam as duas canções. Em uma de nossas conversas sobre as versões acima citadas, Bruno procura destacar os aspectos que fazem da *bagaceira* uma versão mais dançante. Em sua análise sonora, ele destacou o fato de a música original *Wrecking Ball* apresentar como base emoções tristes, por isso o uso de elementos clássicos como o piano e os instrumentos de cordas em sua composição. Outro aspecto destacado por ele diz respeito aos efeitos apresentados pela música, seguindo a tendência da música *pop* e da música eletrônica, com a presença de sintetizadores e sampleados. Já a versão pernambucana, a música Bateu a Química, o bpm (batida por minuto) tem como nota a colcheia [símb.: ♪], o que caracteriza a música como mais dançante e mais swingada. Mais um detalhe destacado por Bruno é o último acorde da música que apresenta muito semitons, sendo algo bem adissonante, o que é uma característica da música nordestina. Segundo Bruno, a diferença entre as duas versões se dá da seguinte forma:

A música original *Wrecking Ball* tem como base a emoção, então o produtor musical usou timbres muito clássicos como base na música, no caso o piano, que dar uma sensação de emoção e cordas (violino, orquestras e strings) que dão essa sensação de coisa clássica. Geralmente quando se quer passar emoção em produções musicais se usa bastante elementos clássicos. Em contrapartida essa música tem muito sintetizador, o seu elemento principal que tem arpeggiator, aí no começo ela tem muito sintetizador. Falando da parte dos graves e da parte rítmica o baixo e a bateria, ambos são sintetizadores

também, e a bateria é sampleada, o que vai remeter aos elementos de música eletrônica. Então como uma tendência da música pop e eletrônica essa música tem essas características, porém para causar uma emoção ela tem esses elementos clássicos. A parte das vozes apresenta vozes com dobras de escala oitavadas, que dão a sensação de sofrimento ao cantar e as aberturas de vozes também são bem altas em relação a melodia principal, isso causa a sensação de sofrimento. A parte de efeito no geral ela tem totalmente a tendência da música pop e da música eletrônica.

Já a Bateu a Química ela tem uma forma um pouco “exagerada” de impor o “pop” e a forma de cantar, na introdução da música eles quiseram fazer como se fosse o original, mas de cara já rola o “exagero”, tanto no timbre, quanto na forma de cantar, não tem aquela coisa minimalista, intimista, a música já vem na pressão total. Os bpm da música eles são bem parecidos, porém enquanto a música original tem como a base do bpm a semínima [símb.: ♩] a música da *bagaceira* ela tem como base do bpm a nota a colcheia [símb.: ♪], deixando a música mais dançante, mais animada. A original é desdobrada só que a *bagaceira* o tempo é dobrado, aí dar a sensação de ser algo mais dançante, com mais swingado. Quanto aos elementos bases que é dos graves e a parte rítmica que é o baixo e a bateria e agora inclui a guitarra que não tinha na música original. Os elementos eles são totalmente orgânicos, gravados assim de maneira clássica em estúdio, e a bateria, a guitarra e o baixo, eles têm timbragens e mixagens bem características desse forró atual. (Diário de campo, Recife, novembro de 2016).

Para os meus interlocutores, por sua vez, o ritmo presente na versão brega é mais atrativo ritmicamente falando: “Prefiro Bateu a Química, com certeza! *Wrecking Ball* não tem ritmo. Tanto em casa, quanto na balada, só dá para dançar com alguém com a versão brega da música”, diz Danilo. Na pista de dança, o que entra em jogo é a sonoridade da música e o quanto de contágios ela é capaz de proporcionar, pois “a música brega não é experimentada por sua audiência de maneira distanciada, mas principalmente através de uma sensibilidade corporal que está na dança” (FONTANELLA, 2005, p.12-13). Para Douglas⁵⁵ a letra não é o principal elemento, até porque muitas dessas músicas estão em inglês e não são todos que entendem o idioma, talvez por isso as versões bregas façam tanto sucesso. No estilo de *música eletrônica dançante* classificado de *bagaceira* pelos meus interlocutores, o destaque é dado às interações produzidas pelo ritmo, o qual produz contágios e afetos entre os dançantes.

Segundo Rafael, a versão brega pernambucana poderia ser definida, ainda, como uma sátira:

é uma sátira que é interessante, por analisar o cotidiano das pessoas,

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

por fazer parte da vida da gente. Quem nunca sofreu por amor?! Mas eu prefiro o estilo *bagaceira* pra dançar juntinho. Às vezes nem presto atenção nas letras quando estou dançando com alguém (...) nesses momentos é mais o ritmo mesmo (Rafael, Recife, agosto de 2016).

Análises semelhantes foram ressaltadas por Victor. Ao oferecer sua opinião sobre as duas versões da música, ele diz:

Num contexto *pop*, eu deveria escolher *Wrecking Ball*, pois é a música original e como cantor eu nunca gostei muito dessa ideia de fazer versão de música gringa. Mas tem algo mais subjetivo, mais instantâneo e mágico em Bateu a Química, que é o como e o quanto as pessoas daqui se entregam quando está tocando essa música. As pessoas entram no clima da música. É como se identificassem de tal forma que torna-se autobiográfica e essa reação, que pode ser uma reação bem local e característica de Recife, me faz escolher a versão pernambucana. (Victor, Recife, outubro de 2016).

Neste relato de Victor, como se vê, destaca-se a identificação subjetiva das pessoas com a música. Assim, a letra, por retratar o cotidiano da maioria das pessoas, acaba produzindo uma identificação *autobiográfica*, e *o se entregar* ao ritmo pernambucano aparece como uma característica bem local. A esse respeito, também como comentou Victor: “pernambucano adora um brega, não importa classe social. O ritmo acaba envolvendo a gente de mansinho e quando menos notamos estamos dançando agarradinho”. A relação estabelecida entre a música e o *dançar junto com uma malícia* é destacada nas falas de todos os meus interlocutores, *malícia* esta que só é possível ao dançar a *bagaceira*. Nesse sentido, diz Douglas:

Na Boate Metrópole eu prefiro a pista de cima [se referindo a pista do Bar Brasil], lá os estilos musicais são mais diversificados e dá para dançar junto; já na pista de baixo [se referindo a pista New York] é só aquele eletrônico bum, bum, bum,... a dança nesse local geralmente é mais solta (Douglas, Recife, abril de 2016).

Em uma das vezes que acompanhei Douglas na Boate Metrópole, notei que ele utilizava a dança, embalada pelo ritmo da *bagaceira*, como estratégia de sedução: ele convidou um rapaz para dançar e assim começou a investir seu charme durante aquela cena de erotização. Sobre essa noite, diz Douglas: “Ele queria ficar comigo. Enquanto dançávamos, ele me beliscava e ficava acochando, me provocando”. Para ele o ato de beliscar e ser acochado pelo seu parceiro de dança era entendido como parte de um jogo de sedução, “era um sinal de que ele era queria ficar comigo”, avalia.

A infregatividade nos diferentes espaços de sociabilidade

Existem as festas open bar, mais alternativas de Recife, que também é uma outra opção que você vai e essas festas também dão uma sacolejada na organização das boates, porque elas estavam perdendo frequentadores. Acho que é uma questão mesmo de ampliação dos locais que eu possa ir, não é só boate, nos espaços GLS, principalmente agora que a gente tem uma aceitação maior e então não é só as boates, existem outros espaços. (Victor, Recife, abril de 2015).

Trago este relato compartilhado por Victor porque a dinâmica apresentada por ele é interessante para pensarmos como o brega foi ganhando espaço nas festas que compõem o mercado GLS em Recife. As festas alternativas, principalmente aquelas que ocorrem no Catamaran, a exemplo da festa *Brega Naite*, ao trazer bandas e cantores de referência do brega pernambucano e *deejays* que investiam em estilos musicais mais diversificados, como os estilos *bagaceira* e *brasilidades*, fugindo do tradicional *house music*, tão presente nas festas voltadas ao público LGBT, foi atraindo um novo público e as boates consideradas mais elitizadas, como o Clube Metrópole, começaram a dedicar algumas festas voltadas ao brega, como a festa *Bailão Brega*. Esse movimento musical *da periferia para áreas consideradas mais nobres*, na capital Pernambucana, também foi apontado por Alves (2014, p.395):

No caso recifense, ao contrário do observado por R. Lemos & O. Castro (2008) a respeito do circuito brega de Belém-PA, não existem as aparelhagens: grandes sistemas de som e luz de alta densidade técnica embutida, utilizados nas apresentações dos grupos no Pará. Por outro lado, observa-se que no Recife o brega antes restrito a apresentações nas periferias da cidade, se insere na programação dos grandes clubes, muitos deles considerados de elite como o Internacional (Madalena), Gigante do Samba (Arruda), o Chevrolet Hall (Salgadinho), o Português (Graças) ou ainda de clubes médios como o Dona Carolina (Boa Viagem): “Clubes elitistas são hoje todos clubes de pagode e brega”, sentencia o jornalista José Teles*. Boates conhecidas por abrigarem as novidades do circuito de bandas da Região como o Uk PUB, hoje abrigam eventos de brega como a “Noite das Novinhas”. No Recife Antigo, outro tipo de brega, por vezes estilizado, mais ligado às raízes do gênero, anima bailes em casas noturnas com grande presença de jovens universitários (aspas do autor).

Nesse sentido, para o meu interlocutor, Rafael, “o espaço da pista do Bar Brasil

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

sempre tocou esse estilo, mas eu não via atrações tão forte na cena brega, fazendo shows na boate, que por acaso acontecem no palco principal”. Segundo ele, o palco principal da pista *New York*, reservada para o estilo *house music* com apresentações de *gogo-boys* e cantores ou interpretes do *pop music*, como Lorena Simpson e Wanessa Camargo, passou a ser ocupado por bandas como Sedutora, Michelle Melo, Mc Troia, Kelvis Duran, entre outros ícones do brega e do brega-funk pernambucano. A razão de a boate começar a investir nesse estilo musical é para atrair um público maior, pois, segundo os relatos de Victor, o espaço precisava dar uma “repaginada para não perder público”. Outro exemplo é o Santo Bar, que agora conta com as festas *Bregosão* e *Ixxfrega*, as quais contam com *deejays* que tocam os estilos *bagaceira* e *brasilidade*. Essa situação é diferente, por sua vez, da Boate MKB, local onde sempre existiu a presença do estilo brega e brega-funk, o que faz com que a boate seja conhecida como *o paraíso do brega e dos cafuçus*. Por esta razão, diz Marcelo:

Quando eu quero pegar um cafuçu, que é aquele gay que é mais carinha de heterozinho, mais descoladinho, descolado não (...) que é meio (...) é meio pedreiro, meio baixa renda, aí eu já sei que as músicas que eles gostam é o breguinha lá da MKB. Tanto pelo espaço quanto pela música que é tocada, a gente já sabe o público que vai ser atingindo, então, quando eu quero paquerar com esse tipo específico dessa tribo, aí eu já vou pra MKB. (Marcelo, Recife, outubro de 2016).

Portanto a Boate MKB, apesar de oferecer as mesmas atrações da Boate Metrôpole e do Brega Naite, não vivenciou essa adaptação musical para concorrer com as festinhas alternativas. O público que, geralmente, frequenta essa boate é diferente dos outros espaços, os quais são considerados mais elitistas. Esta particularidade permite que a MKB conquiste uma clientela mais popular. O espaço do brega sempre contou com apresentações de bandas ao vivo e é o espaço mais disputado pelos frequentadores. “Sempre gostei de ir à MKB pela diversidade musical, o brega sempre fez parte da MKB, lá não tem essa de noite dedicada ao brega, não. Lá as noites são reservadas ao brega”, ressalta Elton⁵⁶.

A *infregatividade* ou a *ixxfregação* ganha destaque no momento das interações dançantes entre os homens que fazem parte da minha pesquisa. Nesse sentido a *malicinha gostosa* presente na dança produz contágios e afetos entre os dançantes. Na definição de Lucas⁵⁷, tem-se que:

Essa interação, essa ação de se esfregar com alguém dançando é algo

pra mim que é muito comum, não só no contexto erótico, de paquera, no contexto sexual, mas em geral assim dançando. Eu acho que esse tipo de dança leva muito pra uma pegada mais sexual e não é diferente quando a gente está paquerando alguém na balada, no show, em uma festa. Esse tipo de música é muito propício pra você aproveitar, e eu acho que serve um pouco como a dança do acasalamento. O esfrega, esfrega, é algo que (...) não sei (...) que esquentava muito o pré-coito talvez, eu acho que já fiz muito, já dancei bastante com meninos que eu queria pegar e me excitei na hora e eu acho que isso é um sinal de que algo vai rolar, de que você quer algo sério...de que você quer algo com a pessoa. (...). No Brega Naite, eu estava com amigos e um amigo meu, muito próximo, a gente nunca tinha ficado e a gente estava dançando e a gente começou a dançar colado e tal e de repente a gente estava se beijando (...) geralmente esse tipo de coisa acontece com pessoas que já conheço, ou pessoas que estão inseridas no grupo onde eu conheço outras pessoas, porque eu sou meio tímido, então eu tenho um pouco de dificuldade de utilizar isso como uma técnica pra paquerar com pessoas que eu não conheço. Então, para eu olhar pra pessoa e chamar pra dançar é algo que eu tenho um pouco de dificuldade e quando a pessoa já está no grupo, ou é conhecido de alguma forma já é um pouco mais fácil de me relacionar com ela, através da dança (Lucas, Recife, outubro de 2016).

Cenas semelhantes as descritas por Lucas também foram observadas por mim durante o trabalho de campo. Para Rafael, por sua vez, a música *Estando Com Ela*, Pensando em Ti, de Kelvis Duran, apresenta um ritmo “muito contagiante e propício para a *infregatividade*”, que combinada com o momento de agitação grupal proporcionada pela “bebida, pela música envolvente, pelos boys cheirosos e por uma iluminação provocante”, por isso, ele avalia que “não teria como resistir ao momento de sedução”. Portanto, o instante da dança seria considerado um momento perfeito para a paquera e a sedução.

Nesse sentido, vale destacar o que Fontanella diz sobre a erotização na dança:

Nas suas formas, o brega pop diferem da música cafona tradicional de diversas maneiras. Em primeiro lugar, está o papel central da dança, essencialmente para ser executada por casais, em que ele se aproxima mais das modas efêmeras como a *lambada*. Para criar o efeito desejado de uma música dançante e sensual os músicos brega abusam em seus arranjos de formas provenientes de ritmos caribenhos e do forró mas utilizam batidas mais aceleradas da guitarrada, influenciados principalmente por referências do *rock* internacional. (FONTANELLA, 2005, p.23).

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

Trago abaixo três trechos dos meus diários de campo que se referem a três diferentes momentos etnográficos. Com isso, pretendo apresentar as dinâmicas produzidas pelos demais interlocutores em relação às interações dançantes classificadas por eles como *infregatividade* ou *ixxfregação*. Com o propósito de tornar esses relatos etnográficos mais completos⁵⁸.

Cena 1: Clube Metrópole

Já se passava das 23h e a pista do Bar Brasil estava lotada, enquanto isso, na pista *New York*, o dj nem tinha começado a sua apresentação. Ficamos um pouco na parte ao fundo da pista do Bar Brasil, próximos ao caixa e ao banheiro, por ser uma parte um pouco mais elevada tínhamos uma visão geral da pista. O dj tocava brega e as pessoas acompanhavam as letras, cantando junto. As músicas que tocavam no Bar Brasil transitam entre pop music, *brasilidades* e *bagaceira*. Na pista o público era bastante diversificado, tanto no recorte geracional, quanto de gênero. Os meninos compraram bebidas e começavam a dançar nos embalos da *bagaceira*. Rafael comentou que eu também deveria dançar, que dj e pesquisadora também deveria dançar. Falei que não sabia dançar juntinho, que corria o risco de pisar no pé de alguém, imediatamente ele me pegou pela cintura e foi explicando o básico da dança: “é basicamente você acochar e requebrar o quadril, um passo para lá e outro para cá”. Dancei uma música e depois Rafael pegou um conhecido para dançar. Estava tocando *Estando Com Ela, Pensando em Ti*⁵⁹, de Kelvis Duran, e Rafael dançava juntinho, encaixando suas pernas na coxa do rapaz, com os rostos colados *cheirando o cangote*, balançavam os quadris, no *gingado da malícia pernambucana*. Enquanto dançavam conversavam algo entre si ao *pé do ouvido* e lançavam pequenos sorrisos provocantes. Rafael olhava para mim e demonstrava interesse no rapaz e com um sorriso sedutor mordida os lábios e pressionava o seu corpo ao do rapaz, acochando-o. Muitas pessoas faziam o mesmo movimento, o que fazia o calor aumentar e o suor escorrer pelos rostos e corpos de alguns. O *deejay* colocou mais três músicas bregas na sequência e Rafael só parou de dançar agarradinho quando o *deejay* colocou a música *Dança do Ventre*⁶⁰ da Banda É o Tchan. O casal se desfez e imediatamente começaram a dançar fazendo as coreografias da banda. O calor aumentava e alguns rapazes tiravam a camisa, incluindo o parceiro de dança de Rafael, que tirava a camisa aos poucos enquanto dançava *requebrando o quadril*. Rafael olhou para mim e comentou baixinho: “pegava bonito, ele é muito gostoso”. Quando a música acabou o rapaz saiu para o banheiro com uma amiga. O calor estava insuportável e seguimos um pouco para parte da piscina. “preciso beber algo, ficou muito quente de uma hora pra outra” comentou Rafael, se referindo ao flerte com o seu parceiro de dança. Ao voltarmos para a pista do Bar Brasil, estava tocando o brega-funk, *Mete o Fio Dental*⁶¹, do Mc

Sheldon, Rafael reencontrou o rapaz, que dessa vez estava sem camisa, e voltaram a dançar juntos. Rafael aproveitava o ritmo para *tirar uma casquinha*, e segundos depois os dois estavam trocando beijos e *amassos* enquanto dançavam. (Diário de campo, Recife, março de 2016).

Cena 2: Brega Naite

Era noite de Brega Naite e como em todas as festas organizadas pelo coletivo Golarrolê a noite prometia bastante animação. Era quase meia noite quando cheguei com Elton e Rafael no Catamaran, no cais de Santa Rita. Os rapazes encontraram três amigas por lá, que se juntaram ao nosso grupo. A festa tinha duas modalidades de ingressos (comum R\$ 30 – R\$ 40 e open bar R\$ 80 -R\$ 100). Pagamos a modalidade open bar, apesar de não beber nada alcoólico, paguei essa modalidade para acompanhar os rapazes no espaço reservado para esse tipo de ingresso. Os rapazes vestiam bermudas jeans um pouco abaixo do joelho e camisa florida, não fugiam, portanto, da maioria que ali estava. Para animar a noite, a festa contava com djs (Allana Marques e Original Dj Copy), Banda Sedutora e Banda Espartilho. Os djs tocavam principalmente os sucessos do brega-funk pernambucano nos intervalos entre uma banda e outra (...). Já se passava das 3 da manhã, os mais tímidos já estavam se soltando após algumas doses de whisky misturadas com as cervejas que eles haviam tomado. Rafael avistou um rapaz e comentou comigo “olha que bonitinho e não para de me olhar. Acho que vou convidá-lo para dançar”. Sua amiga que também estava de olho no rapaz comentou “eu vi primeiro viado, vai pra lá”, “bicha ele é viado, não está vendo?” “Ele não para de olhar pra Rafael desde que chegamos aqui”, comentou Elton dando força ao amigo pra chegar junto. “Mas antes vou ao banheiro, conferir o look”, comentou Rafael se afastando do grupo. Quando ele voltou estava tocando Bateu a Química, ele imediatamente começa a dançar sozinho e foi se aproximando do rapaz que estava paquerando. Segundos depois estavam os dois dançando juntos. “Não falei que ele era viado”, comentou Elton. Segundo o relato de seus amigos, ele “estava tirando uma casquinha na dança”, devido ao fato de dançarem “arroxadinhos”. Ficaram dançando juntos o resto do show, distribuindo beijos e carinhos. “Eita que a esfregação está grande aí”, comentou Elton. Na volta para casa, Rafael comentou que o rapaz era muito cheiroso e que beijava muito bem: “imagina o sexo como deve ser”, disse ele, ressaltando que havia trocado contato com o rapaz (Diário de Campo, Recife, março de 2016).

Cena 3: Boate MKB

Acompanhava Elton na Boate MKB, na ocasião ele estava mostrando a boate aos amigos que foram visitá-lo em Recife. Era

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

interesse da maioria ficar na pista do brega “afinal essa boate é famosa pelo brega, quero ficar lá um pouco”, comentou um dos rapazes. O ambiente estava lotado, não conseguíamos nem passar para o outro lado de tão apertado que estava. Eu era a única mulher do grupo, o que me rendia olhares e cantadas de homens e mulheres externos ao grupo: “Olha Chiara tem uma sapatão te encarando. Eitaaaa! Ela é bem caminhoneira, mas macho do que eu”; “acho que aquele cafuçu está te paquerando, vai que bateu a química”, comentava Rafael, lembrando da canção da Banda Sedutora. Comentei que estava muito cheio e que estava muito quente também, “aqui sempre é lotado, mas hoje como tem Banda Sedutora aí é que lota mesmo”, disse Elton. Os casais se esbarravam uns nos outros, mas isso não era motivo para desestimular a dança e impedir a formação de possíveis parcerias. Como estava muito apertado, alguns casais dançavam abraçadinhos, “o de trás encaixando o da frente”, segundo Elton, balançando o quadril para um lado e para o outro, sem necessariamente tirar o pé do chão. Rafael me chama e fala ao meu ouvido: “olha aquele casal, o da frente chega está revirando os olhos de tão gostosinho que está o xumbrego”, na hora tocava *No Dia Do Seu Casamento*⁶², a letra estava na boca do público, que cantava todas as músicas junto com as cantoras. Algumas pessoas próximas ao palco pediam as cantoras para tirarem *selfies*, as cantoras atendiam aos pedidos, porém algumas se atrapalhavam e esqueciam de cantar, deixando um vazio que era rapidamente preenchido pelas vozes da plateia: “se o nosso amor se acabar/ eu de você não quero nada ...”. Perguntei para Rafael se ele havia se interessado por alguém, ele imediatamente me olhou com aquele olhar de desaprovação e comentou “eu só vim aqui porque meus amigos queriam. Não tenho a pretensão de ficar com ninguém. Aqui só tem povo feio e garoto de programa”. A Boate MKB é bastante estigmatizada, principalmente pela classe média, alguns nem se aventuram a ir para a boate devido à má fama que ela possui entre o público que se considera mais elitizado. (Diário de Campo, Recife, agosto de 2016).

Apesar de extensos, estes excertos assinalam como se estabelece a relação entre música e espaços de sociabilidade nas cenas etnográficas recortadas. Nesse sentido, o recorte de classe, destacado pelos meus interlocutores, aparece ora como produtor de fronteiras, ora como diluidor de fronteiras, nunca se dando de forma estática. Para Rafael, a música *bagaceira* não é apreciada da mesma forma nesses diferentes espaços, criando assim fronteiras de classe entre os dançantes: “acho que não é a mesma forma. A música pode até ser a mesma, mas muda de espaço para espaço. Na MKB vejo como ralé, o público lá é bem barra pesada e eu não gosto, já a Metrópole é meio termo, lá é bastante diversificado e o Brega Naite é mais top”. Ainda segundo Rafael o recorte de classe é bastante significativo para entender a relação entre o brega e a *infregatividade* nesses diferentes espaços.

Mas se, por um lado, na Boate MKB o público, em sua maioria, seria classificado como *barra pesada*, devido a localização da boate e seus aspectos estruturais, tais como “malcuidada, com parede pintadas de cal e cheia de buracos na pista”, além de ser frequentada por garotos de programas - aspectos que para Rafael impossibilitaria qualquer investida na hora da sedução, tornando inapropriado a interação com membros externos ao grupo. Por outro lado, na Boate Metrópole e na festa Brega Naite, essas interações seriam estendidas para membros externos ao grupo, levando em consideração que são espaços mais valorizados. Portanto a *infregatividade*, para Rafael, seria possível apenas entre aqueles que circulam pela sua rede de amigos. Na festa *Brega Naite*, considerada uma festa “mais top” de acordo com Rafael, o contato com alguém poderia facilmente se estender para outros espaços, como a troca de contatos telefônicos e redes sociais.

Já para outro interlocutor, Danilo, a música não apresenta diferença nesses diferentes espaços: “não na minha opinião, principalmente porque ela é a única que é comum a todos daqui. Não importa o nível social das pessoas, elas vão se soltar do mesmo jeito, a *bagaceira* é a mesma”. Porém diferentemente de Rafael, que, vê a música como uma possibilidade de *aproximação na paquera* nos espaços onde ele compartilha dos mesmos estratos socioeconômicos dos demais, para Danilo, por sua vez, independente dos espaços essa aproximação não seria apropriada em uma interação externa ao seu grupo de amigos: “digo que não dançaria com um desconhecido, mas isso é pessoal. Eu não me sentiria à vontade em nenhum dos espaços para dançar com um desconhecido”.

Considerações

Neste artigo procurei discutir os sentidos erótico-dançantes da *música eletrônica dançante* denominada de *bagaceira* entre homens com práticas homoeróticas em Recife, particularmente as expressões erotizadas da *infregatividade*. Para tanto, fez-se necessário levar em consideração a musicalidade e as interações dançantes produzidas nos diferentes contextos aqui apresentados. O estilo de *música eletrônica dançante* classificado pelos interlocutores como *bagaceira* torna-se relevante para pensarmos a relação entre a música eletrônica, de influência internacional, e as diferentes ressignificações sonoras apresentadas no contexto pesquisado. Uma vez que a valorização dos elementos mais regionais proporciona uma identificação do público ouvinte com a música reproduzida,

Música bagaceira e malícia: sentidos erótico-dançantes da infregatividade entre homens com práticas homoeróticas em Recife

pois essas músicas tratam de temas que fazem parte do cotidiano dos seus ouvintes.

Neste artigo não foi meu objetivo realizar uma reconstrução conceitual dos debates e das disputas de significados que caracterizam os estudos antropológicos contemporâneos sobre o conceito de música eletrônica e nem dos respectivos usos que os antropólogos fazem desse conceito. O meu propósito foi enunciar os modos de expressão da *música eletrônica dançante* denominada pelos meus interlocutores de *bagaceira*. Também procurei refletir, nesse sentido, sobre a contribuição que a noção de *bagaceira* proposta por eles pode oferecer para pensarmos um conceito mais fluído de *música eletrônica dançante*, de modo a não me prender a uma análise puramente técnica.

Procurei destacar o modo de significação convencional que emergiu no contexto etnográfico de minha pesquisa, a partir da extensão de significados oferecidos pelos interlocutores. Ao introduzir a noção de *bagaceira* como um novo referente para o entendimento da *música eletrônica dançante* em Recife, não se trata, contudo, de sugerir uma distinção essencializada da *música eletrônica dançante* convencionalizada em outros contextos de pesquisa. Ao contrário, busquei assinalar que existe uma relação de interdependência entre estes diferentes estilos musicais. Pois um estilo musical está relacionado com outros. Em uma combinação infinita, os significados da música *bagaceira* só podem ser pensados em relação aos outros estilos musicais citados pelos meus interlocutores. Em seu contexto recifense, a música *bagaceira* produz a extensão de significados quando percebida a partir de um fluxo contínuo de invenções, uma vez que as convenções dão consistências às invenções. Por não impedir as invenções, mas incitá-las, a convencionalização também permite o compartilhamento de significados entre os agentes.

Assim, ao observar as interações erótico-dançantes entre meus interlocutores, percebi que a ambientação, o jogo de luzes e as danças particularizadas ressignificam os espaços de sociabilidade etnografados. Sendo assim, foi possível entender que um mesmo estilo musical pode ser apropriado de diferentes formas e o que muda nessa apropriação depende do espaço pelos quais essa musicalidade circula. Por fim, como procurei mostrar, os sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* - entendida a partir de seus modos de expressão e mediada pela *música eletrônica dançante bagaceira* - também incorporam a noção de *malícia*. Estas duas noções são fundamentais, pois, para que se possa entender a noção de *bagaceira* atribuída à *música eletrônica dançante*, porque ambas

tecem relações profundas entre si: uma produz mutuamente a outra. Nesta dinâmica, *infregatividade* e *malícia* também conferem sentidos eróticos às danças particularizadas.

Notas

1. Agradeço à Jainara Oliveira a leitura atenta e as provocações que foram fundamentais para construção deste artigo. Agradeço ainda às/aos pareceristas anônimas/os da Revista Equatorial os comentários, as provocações, as indicações e os elogios que foram essenciais no processo de estruturação deste artigo.
2. O presente artigo apresenta resultados da minha pesquisa de mestrado em Antropologia Social, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com financiamento da CAPES (bolsa de mestrado) e orientação da Profa. Dra. Lisabete Coradini.
3. A fim de seguir as regras da revista Equatorial, neste artigo utilizo o itálico tanto para palavras estrangeiras quanto para as palavras que serão destacadas e as aspas serão reservadas apenas para as citações de autores e dos interlocutores.
4. Os interlocutores desta pesquisa residem na cidade de Recife, PE, e têm entre 24 e 44 anos. A fim de preservar a identidade dos interlocutores, optei por utilizar nomes fictícios. Neste artigo farei apenas uma breve apresentação de cada interlocutor. Para este fim, utilizarei as notas de rodapé. Consciente da importância das biografias individuais, dos interlocutores desta pesquisa, para analisar melhor a relação estabelecida entre os interlocutores, a música eletrônica e os diferentes espaços de sociabilidade, dedico o primeiro capítulo de minha dissertação para apresentação da biografia de sete dos meus interlocutores. Nesse sentido, apresento algumas biografias individuais, com o intuito de perceber como os interlocutores dão significados às suas experiências homoeróticas. Portanto, intenciono elaborar uma perspectiva etnográfica mais ampla sobre a música, de modo que busco analisar não apenas os seus sons, mas também os sentidos que os interlocutores conferem a esse estilo musical e como a música eletrônica, em seus mais variados estilos, (re)configura os espaços de sociabilidade recortados.
5. Os termos *música eletrônica de pista* e *música eletrônica dançante* se referem àquela música eletrônica feita para dançar, as quais são usualmente encontradas nas boates, *raves* e festas. Esses termos são utilizados para fazer uma distinção entre este estilo musical e a *música eletrônica erudita* (SEVERO, 2015). Neste artigo farei uso do termo *música eletrônica dançante*, termo este utilizado por Bacal (2008) e Fontanari (2013); já Ferreira (2006) e D'Alvedo (2011) utilizam o termo música eletrônica de pista.
6. Neste artigo busco fazer uma análise da categoria êmica *bagaceira* enquanto um *estilo de música eletrônica dançante*. Diferentemente da categoria *bagaceirice* debatida por Hennig (2008, p.126) onde a “categoria bagaceirice, também polissêmica, diria respeito, em termos gerais, a todo comportamento, corporalidade, condição social ou presença nos espaços de sociabilidade considerados inadequados (ou moralmente reprováveis)”, a categoria *bagaceira* enquanto estilo de música eletrônica não está associado diretamente a algo moralmente reprovável e desaprovado pelo grupo, ao contrário, os meus interlocutores associam esse estilo musical a algo favorável no jogo de sedução.
7. É importante ressaltar que Recife foi a primeira capital do Nordeste a fazer parte do guia gay, um projeto da Guiya Editora. “No guia, o turista encontra as informações elencadas por bairro. Além dos pontos turísticos, o folder apresenta dicas culturais para os meses subsequentes. Antes do Recife, outras capitais já foram retratadas no guia, como Belo Horizonte, Brasília, Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo”. Disponível em : http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/turismo/2013/08/30/interna_turismo,459442/guia-de-turismo-voltado-ao-publico-gay-comeca-a-ser-distribuido-neste-sabado.shtml. Acesso em 16 de março de 2017.
8. Victor tem 29 anos, é pernambucano, se autodenomina como “bicha e preta”. Ele é formado em

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

administração de empresas, trabalha com pesquisa de mercado e vive em uma união estável com Danilo.

9. Em minha dissertação de mestrado, em andamento, dedico um capítulo para contextualizar os espaços de sociabilidade e as interações produzidas a partir da música eletrônica nesses diferentes espaços (Boate MKB, Clube Metrôpole, Miami Pub, Santo Bar, Conchittas Bar, Sauna Termas Boa Vista, e as festinhas alternativas como Kinada Querida, Brega Naite, Boogie Night e o projeto da Terça do Vinil).
10. As festinhas alternativas surgem como novas possibilidades de diversão para além das boates e bares inseridos no mercado GLS. Na visão dos meus interlocutores, essas festas são interessantes por atrair um público bastante diversificado, pois, sem a necessidade de ser intitulada de uma festa LGBT, tais festas apresentam uma maior diversidade no recorte de gênero, sexualidade e geração.
11. Disponível em: <https://ppdiversidade.wordpress.com/2008/11/20/entrevista-maria-do-ceu/>. Acesso em 26 de julho de 2016.
12. Disponível em: <http://www.institutoboavista.org.br/sobre-o-instituto-boa-vista/>. Acesso em 26 de julho de 2016.
13. Em sua dissertação de mestrado, Luiz Henrique Souza (2016) apresenta brevemente as histórias de alguns espaços direcionados para o público LGBT na cidade de Recife, a partir das memórias e dos discursos em torno do “Mercado GLS”.
14. Disponível em: <http://boatemkb.com>. Acesso em 16 de março de 2017.
15. O coletivo Pernambuco Golarrolê é um importante nome no cenário de festas alternativas da capital Pernambucana. Em julho de 2016 o coletivo completou dez anos de trajetória, promovendo festas bastantes apreciadas pelos meus interlocutores, como as festas Brega Naite, Odara Ôdesce, Maledita, Neon Rocks, Refresh, Prainha e Putz54.
16. A Parada Liberté foi uma festa promovida pela NMproduceeventos na cidade de Recife onde se privilegiou estilos mais internacionais da música eletrônica, a exemplo do *house* e do *tribal house*. Em minha dissertação apresento uma análise detalhada desta festa e das interações produzidas pelos meus interlocutores.
17. Rafael é pernambucano, tem 33 anos, se autodenomina como branco e homossexual. Ele é formado em contabilidade e trabalha em uma empresa multinacional.
18. Marcelo tem 34 anos, se autodenomina como gay e pardo, nasceu em Natal e mora em Recife há 3 anos.
19. O termo DJ nasceu na rádio, como Disk Jockey, para descrever os locutores responsáveis pelas músicas. Na época os profissionais utilizavam discos de vinil, por isso da palavra Disk. Porém com a evolução da tecnologia e formatos, encontramos Djs que utilizam vinil, CD, MP3 ou vários outros formatos digitais de músicas (através de Pen-Drives plugados no CDJ ou direto no LapTop com programas específicos). Existem diversos tipos de DJs, variando conforme repertório, composições, público e mixagem.
20. “Gambiarra – A Festa é uma das maiores festas de música brasileira do País. Criada em São Paulo, por um grupo de atores, realiza edições semanais em várias casas noturnas da capital paulista”. Disponível em: http://www.gambiarraafesta.com.br/index.php?option=com_lyftenbloggie&view=entry&year=2016&month=02&day=21&id=1255:eu-sou-brasileira&Itemid=55. Acesso em outubro de 2016.
21. “Criada a partir do sucesso da festa itinerante “Toy”, a The Week uniu talentos do entretenimento e revolucionou o conceito da noite paulistana: uma casa que já nasceu grande onde cada noite tomava porte de grande festival. A festa Babylon, evento inaugural, tornou-se então o selo semanal da The Week, o ponto de encontro de várias tribos e estilos cuja qualidade tecnológica e sonora projetou o Brasil no cenário da noite internacional e a casa desde então foi palco para grandes nomes da música eletrônica mundial”. Disponível em: <http://www.theweek.com.br/#sobre-nos>. Acesso em outubro de 2016.
22. Carlos tem 30 anos é paulistano, deejay, classe média, se autodenomina como branco e gay. Inicialmente pretendia fazer um estudo comparativo entre Recife e São Paulo, sendo assim, me

inserir em campo nessas duas cidades (ainda enquanto aluna especial no PPGA/UFPB e pesquisadora do Guetu) e passei a acompanhar alguns dos interlocutores paulistanos nas festas voltada ao público LGBT. Ao iniciar o meu mestrado no PPGAS/UFRN, passei a frequentar com mais assiduidade os espaços voltados ao público GLS na cidade de Recife e resolvi focar minha atual pesquisa apenas nesta cidade, principalmente devido a necessidade primária em se ter um trabalho na área da antropologia nesse contexto.

23. A exemplo do seguinte remix: <https://soundcloud.com/erikmarcelolives/erik-marcelo-vmc-vs-sick-individuals-se-main-mix>.
24. A exemplo do seguinte remix: <https://soundcloud.com/lucas-canniello-uber/beijinho-no-ombro-valesca>.
25. Ver França (2012), a autora faz um importante estudo sobre a homossexualidade masculina e o consumo na cidade de São Paulo, dedicando um capítulo de seu livro para analisar as relações entre o consumo e os diferentes marcadores sociais da diferença na Boate *The Week*.
26. Ver França (2015), neste artigo a autora busca entender como é produzido o sentido de lugar na relação com a sexualidade a partir de uma observação participante realizada no *Circuit Festival*, em Barcelona, Espanha.
27. O debate sobre a música eletrônica é bem mais complexo, o qual também abriga uma discussão sobre a estética musical e as práticas composicionais específicas presentes em cada gênero, ver Cilli (2015).
28. Sobre a mixagem e os equipamentos utilizado pelos deejays, ver Tatiana Bacal (2012) e Ivan Fontanari (2013).
29. Ver Tatiana Bacal (2012), a autora faz um rico debate sobre música eletrônica, particularmente das mudanças a respeito da figura do *deejay*, que saiu de um certo anonimato nas festas para assumir a posição de *artista no cenário musical*.
30. “Estilo de música eletrônica essencialmente dançante, de ritmo acelerado e melodia monótona. Surgiu na década de 1980 e se assemelha ao estilo house. O nome “techno”, identificava todas as músicas que eram feitas exclusivamente por computador, e assim, sem fazer uso de instrumentos musicais tradicionais, imenso espectro de sons artificiais”. Disponível em: <http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.
31. “É um estilo musical surgido em Chicago, nos Estados Unidos, na primeira metade da década de 1980. Possui batidas bem rápidas variando entre 118 e 135bpm, apesar de apresentar batidas mais lentas no seu surgimento. A batida 4/4 é um dos elementos mais comuns no house, que geralmente é gerado por uma caixa de ritmos ou um sampler. Diversas fontes de som são utilizadas, normalmente contínuos que se repetem eletronicamente com linhas de sequência geradas por um sintetizador”. Disponível em: <http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.
32. “É um estilo de música eletrônica que se originou a partir do jungle. Surgiu na metade dos anos 90 na Inglaterra. O gênero é caracterizado por batidas rápidas, próximas a 170 BPM. Incorporou elementos de culturas musicais como o dancehall, electro, funk, Hip-Hop, house, jazz, metal, pop, reggae, rock, techno e trance”. Disponível em: <http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.
33. “Uma das principais vertentes da música eletrônica, que emergiu no início da década de 1990. O gênero é caracterizado pelo tempo entre 130 e 190 bpm, com partes melódicas de sintetizador e uma forma musical progressiva durante a composição (de forma crescente ou apresentando quebras). Algumas vezes vocais também são utilizados. Estilo é derivado do house e do techno, com seus sons industriais, parecerem menos melódicos”. Disponível em: <http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.
34. “É uma vertente minimalista que segue aquele ditado “less is more” (menos é mais). Este estilo também está ligado ao movimento e a arte minimalista”. Disponível em:

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

<http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>. Acesso em: 09 de junho de 2016.

35. É um estilo de música eletrônica que valoriza a mixagem de gêneros musicais como a mpb, o samba e a bossa nova. Em Recife esse estilo de música eletrônica classificado como *brasilidades* é muito forte no projeto da Terça do Vinil, que apresenta o seguinte slogan “música brasileira imperecível e de rua”. Ouvir música em: <https://soundcloud.com/dj440/o-som-muito-incrementado-da-terca-do-vinil-vol02>. Para Fontanari (2013, p.256-7), “A 'música brasileira' que pode ser mixada é a reconhecida pública e oficialmente como símbolos da música popular brasileira no Brasil e fora dele, produzida por músicos de prestígio nacional e internacional amplamente reconhecidos como parte da história da música popular brasileira, compondo, deste modo, uma elite”. Tatiana Bacal (2012), por sua vez, utiliza-se dos termos *música eletrônica brasileira* ou *música eletrônica no Brasil* para se referir ao estilo *brasilidades*. Em sua dissertação de mestrado, a autora faz um rico debate em torno da música eletrônica no Brasil x música eletrônica brasileira, a partir do posicionamentos de seus interlocutores (djs e produtores da música eletrônica, a exemplo do DJ Dolores).
36. Estilo musical a ser analisado neste artigo. Em meu trabalho de campo, a principal diferença entre os estilos *brasilidades* e *bagaceira* estaria relacionada ao reconhecimento do primeiro enquanto algo associado ao *cult* (“acompanha um bom papo”), enquanto o segundo estilo estaria mais relacionado as interações dançantes valorizadas na sedução.
37. Tomei conhecimento deste estilo musical na festa intitulada Babalithy do Santo Bar. Para os meus interlocutores este seria um estilo que valoriza a musicalidade pernambucana. Poderia entrar aqui os estilos considerados como *brasilidades* e *bagaceira*, desde que originados de Pernambuco. Mas a priori destaco a nomenclatura deste estilo, seguindo um debate levantado por Bacal (2012) no qual o espaço onde essa música é tocada ou criada dá lugar para novas nomenclaturas. Uma experiência semelhante ao *Chicago house* que remete ao estilo de *house* tocado em Chicago “(...) ponto que influenciou o desenvolvimento da música eletrônica foi o espaço. Por combinarem trabalho, lazer e informação e estética, os espaços onde se criam e se tocam as músicas dançantes estão em constante transformações, pois vão se revestindo de diversos modos, alterando seus nomes, suas localidades e sua estética, à medida que novos modismos são criados” (Ibidem, 2012, p.63).
38. Em minha dissertação, busco analisar a relação estabelecida em campo entre o *house music*, o mercado GLS e o público LGBT.
39. Trata-se de um projeto musical criado pelo dj 440 para ocupar as ruas da cidade com “música brasileira imperecível e de rua”, ocorre todas às terças no Largo da Santa Cruz, no bairro da Boa Vista em Recife. A dinâmica da *bagaceira* presente neste projeto é diferente daquela apresentada nos outros espaços, sendo considerada pelos meus interlocutores algo mais *lounge* “A música acompanha um bom papo, nesse caso na Terça do Vinil” (Marcelo, Recife, outubro 2016). Nesta festa o destaque vai para o estilo de música eletrônica classificado como *brasilidades*, deixo essa análise para desenvolver melhor em um artigo futuro onde o estilo *brasilidades* será o foco de análise. Para conhecer um pouco mais do Projeto da Terça do Vinil, ver Voz da Rua – Terça do Vinil, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LEbU0xZvEOc&list=>.
40. Som da Rural é um projeto de Roger Renor para levar arte as ruas da cidade. “Vamos para a rua e apresento as bandas. Quem quer, declara poesias. O nosso propósito é ocupar a rua, um espaço que, normalmente, não tem mais esse tipo de função e tornou-se uma opção desaconselhável. Muita gente acredita que está protegida assistindo a um show num lugar fechado, no frontstage ou nos camarotes. É mentira! Seguro é estar na rua, com a multidão cantando e dançando. Quem oferece segurança nas ruas são as pessoas. Usamos a música como plataforma para reocupação desses espaços como cultura”. Disponível em: http://www.oimparcial.com.br/_conteudo/2015/05/impar/divirta_se/419-embaixador-de-pernambucoroger-de-renor-fala-do-cenario-cultural-brasileiro.html. Acesso em 10 de agosto de 2016.

41. Danilo nasceu em Olinda, tem 26 anos, se autodenomina como gay e pardo. Ele é professor de francês e estudante de letras da UFPE. Vive em uma união estável com Victor.
42. Sobre a fusão de diferentes gêneros musicais e criação do estilo brega-funk ver <https://www.youtube.com/watch?v=rNwGPTOTPdQ>.
43. Neste artigo não tenho a pretensão de conceituar os diferentes gêneros musicais que influenciam a construção do estilo de *música eletrônica dançante* classificado como *bagaceira*. No entanto, faço menções recorrentes ao brega porque este é o estilo musical mais usado pelos meus interlocutores para exemplificar de maneira comparada o que é a música bagaceira. Muito embora Recife se localize no Nordeste, região fortemente marcado pelo forró, é o brega que, segundo os interlocutores, predomina na cidade. A respeito dos demais gêneros citados por Alves (2014) ver Viana (1988) sobre o funk, sobre o forró eletrônico ver Marques (2015) e sobre o tecnobrega ver Costa e Chada (2013).
44. Ainda que este artigo, sucintamente, aproxime o brega pernambucano e o brega paraense, é preciso ressaltar, porém, que tanto Recife quanto Belém não podem ser reduzidas a localizações estanques, mas, sim, como localizações simbolicamente circunscritas. Nesse sentido, o brega pernambucano e o brega paraense não podem ser reduzidos a um mesmo estilo musical, ao contrário, as particularidades locais são extremamente significantes para que esses estilos sejam entendidos em suas diversas vertentes
45. O termo *infregatividade* é mais usado pelos meus interlocutores e pela festa Brega Naite, já o termo *ixxfregação* é mais usado para divulgação das festas do Santo Bar. Os dois termos possuem o mesmo sentido.
46. Maycon tem 44 anos, é executivo e se autodenomina como pardo e homossexual.
47. Felipe tem 42 anos, é administrador e se autodenomina como negro e homossexual.
48. Fábio tem 34 anos, é contador e se autodenomina como branco e homossexual.
49. Disponível em : http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/05/19/internacional_s_viver,577049/reconhece-10-versoes-do-brega-para-hits-internacionais.shtml. Acesso em 20 de novembro de 2016.
50. Clipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=My2FRPA3Gf8>. Acesso em 20 de novembro de 2016.
51. Clipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=udZQ6aHsKbM>. Acesso em 20 de novembro de 2016.
52. Dinâmica semelhante foi explorada pela Banda Uó, Ver Gibran Teixeira (2015).
53. Nesse sentido, ressalto ainda a importância de o leitor acessar os links disponibilizados para, que, assim, também possa entender sonoramente as diferenças rítmica entre as versões.
54. Bruno Esteves é formado em teoria musical pela Fundação das Artes em São Caetano do Sul, Técnico em bateria pela ULM (Universidade Livre de Música Tom Jobim) e trabalha como produtor musical na PParalelo Produções.
55. Douglas nasceu no interior do Rio Grande do Norte, tem 37 anos se autodenomina como branco e gay. É formado em economia e mora em Recife há 5 anos.
56. Elton nasceu no interior de Pernambuco, tem 40 anos, se auto denomina como negro e gay. É formado em comunicação e tem uma empresa de comunicação.
57. Lucas é recifense, tem 24 anos, se autodenomina como negro e gay. Ele é professor de francês e estuda letras na UFPE.
58. Ressalto, no entanto, a importância de o leitor ouvir as músicas aqui mencionadas, tendo em vista que, por mais que eu descreva as cenas em detalhes, faz-se necessário apreciar sonoramente o ritmo que embala essas cenas.
59. Ouvir música, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oUCMa-5lljk>.
60. Ouvir música, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zQ_1Ozg7NsU.
61. Ouvir música, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1ZKL_nmasA4.

Música bagaceira e malícia: sentidos erótico-dançantes da infregatividade entre homens com práticas homoeróticas em Recife

62. Ouvir música, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6E5I4ypgvks>.

Referências bibliográficas

ALVES, Cristiano Nunes. **Os circuitos e as cenas da música na cidade do Recife: O lugar e a errância sonora.** Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

BACAL, Tatiana. **Música, máquinas e humanos: os djs no cenário da música eletrônica.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

BRAGA, Gibran Teixeira. O gosto amargo do perfume: gênero e estilo na produção da Banda Uó. In: **Revista Equatorial**, Natal, v.2, n.3, pp. 103-134, ago/dez, 2015. Disponível em: (<http://revistaequatorial.blogspot.com.br/2010/10/edicoes.html>). Acesso em: 30 out 2016.

CHADA, Sonia; FILHO, Luiz Moraes. Cenas Imaginárias: O processo de criação musical do tecnobrega paraense. In: **Revista Estudos Amazônicos**, Pará, v.X, n.2, pp. 117 - 136, 2013. Disponível em: (http://www.ufpa.br/historia/4_Sonia_Chada_Luiz_Pardal.pdf). Acesso em: 30 out 2016.

CILLI, Thaís Lari Braga. **Música eletrônica: história e teoria.** 2015, edição Kindle.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; GARCIA, S. M. C. . Tecnobrega: a produção da música eletrônica paraense. In: VIEIRA, L.; TOURINHO, C.; ROBATTO, L.. (Org). **Trânsito entre Fronteiras na Música.** 1ed.Belém: PPGARTES / UFPA, 2013, v. , p. 257-296.

D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **O circuito-cena e music de João Pessoa: dinâmicas locais de uma cultura jovem global.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, 2011.

FERREIRA, Pedro Peixoto. **Música eletrônica e Xamanismo: técnicas contemporâneas do êxtase.** Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. **Os Djs da Perifa: Música eletrônica, trajetórias e mediações culturais em São Paulo.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A estética do brega: cultura de consumo e o corpo nas periferias de Recife.** Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005).

FRANÇA. Isadora Lins. Diferencias y desigualdades en los desplazamientos: Turistas e inmigrantes gay brasileños entre São Paulo (Brasil) y Barcelona (España). **Estudios y**

Perspectivas em Turismo, vº 24, 2015, pp. 963-981.

_____. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares:** homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença:** hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARQUES, Roberto. **Cariri eletrônico:** paisagens sonoras no Nordeste. São Paulo: Intermeios, 2015.

NEVES, Tiago Tavares das. **Coração Afetado: Afetações Sonoras e uma Ética da Alegria nas Festas de Música Eletrônica.** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, SP, 2016, p.1-15.

_____. **Batidas intensas:** Corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2010.

SEVERO, Fabiana Stringini. **Para uma etnografia da música eletroacústica:** entre sons e máquinas em laboratórios de música. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, Luiz Henrique Braúna Lopes de. **Festa no gueto?** Memórias e discursos em torno do “mercado GLS” em Recife/PE. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Lista de sites citados

BRITO, Maíra de Deus. Embaixador de Pernambuco, Roger de Renor, fala do cenário cultural brasileiro. **O Imparcial**, Maranhão, 03 de maio de 2015. Disponível em: (http://www.oimparcial.com.br/conteudo/2015/05/impar/divirta_se/419-embaixador-de-pernambucoroger-de-renor-fala-do-cenario-cultural-brasileiro.html.) Acesso em 10 de agosto de 2016.

Boate MKB. Início, Recife. Disponível em: (<http://boatemkb.com>). Acesso em 16 de março de 2017.

Diário de Pernambuco. Guia de turismo voltado ao público gay começa a ser distribuído

Música *bagaceira* e *malícia*: sentidos erótico-dançantes da *infregatividade* entre homens com práticas homoeróticas em Recife

neste sábado. **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 de agosto de 2013. Disponível em : (http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/turismo/2013/08/30/interna_turismo,459442/guia-de-turismo-voltado-ao-publico-gay-comeca-a-ser-distribuido-neste-sabado.shtml.) Acesso em 16 de março de 2017.

_____. Versões Bregas para ritmos nacionais. **Diário de Pernambuco**, Recife. Disponível em : (http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/05/19/internas_viver,577049/reconhece-10-versoes-do-brega-para-hits-internacionais.shtml) Acesso em 20 de novembro de 2016.

Gambiarra a festa. O que é a Gambiarra?, São Paulo, 21 de fev de 2016. Disponível em: (http://www.gambiarraafesta.com.br/index.php?option=com_lyftenbloggie&view=entry&year=2016&month=02&day=21&id=1255:eu-sou-brasileira&Itemid=55) Acesso em outubro de 2016.

Instituto Boa Vista. Sobre o instituto Boa Vista, Recife. Disponível em: (<http://www.institutoboavista.org.br/sobre-o-instituto-boa-vista/>) Acesso em 26 de julho de 2016.

Music Artes Centro de Educação Musical. Os principais tipos de música eletrônica, Santa Maria, 2016. Disponível em: (<http://musiartes.com.br/2015/11/os-principais-tipos-de-musica-eletronica/>.) Acesso em: 09 de junho de 2016.

Ponte para diversidade. Entrevista com Maria do Céu. **Ponte para diversidade**, Recife, 2009. Disponível em: (<https://ppdiversidade.wordpress.com/2008/11/20/entrevista-maria-do-ceu>.) Acesso em 26 de julho de 2016.

The Week. Sobre nós, São Paulo. Disponível em: (<http://www.theweek.com.br/#sobre-nos>) Acesso em outubro de 2016.

Lista de vídeos citados

Youtube. Shevchenko e Elloco – Braba de Milionario no programa Es – Regina Casé – Rede Globo. 01 de dez de 2013. Disponível em : (<https://www.youtube.com/watch?v=rNwGPTOTPdQ>.) Acesso em outubro de 2016.

_____. Voz da Rua. Terça do Vinil, Recife, 09 de mar de 2017. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=LEbU0xZvEOc&list=>) Acesso em outubro de 2016.

_____. Miley Cyrus – Wrecking Ball. 09 de set de 2013. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=My2FRPA3Gf8>) Acesso em 20 de novembro de 2016.

_____. Banda Sedutora – Bateu a Química – Clipe Oficial 2014. 14 de dez de

2014. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=udZQ6aHsKbM>) Acesso em 20 de novembro de 2016.

_____. Estando com ela, pensando em ti (que tontos, que loucos) – Kelvis Duran. 22 de fev de 2013. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=oUCMa-5ljk>). Acesso em 20 de novembro de 2016.

_____. É o Tchan – a dança do ventre Ali Baba. 06 de mai de 2016. Disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=zQ_1Ozg7NsU) Acesso em 20 de novembro de 2016.

_____. Mete o fio dental e passa – clipe oficial – MC Sheldon – MC Boco DJ N A N D O oficial. 21 de dez de 2012. Disponível em: (https://www.youtube.com/watch?v=1ZKL_nmasA4) Acesso em 20 de novembro de 2016.

_____. Ensaio da banda Sedutora - No dia do seu casamento médium. 21 de mar de 2014. Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=6E5I4yppgvs>) Acesso em 20 de novembro de 2016.

Lista de músicas citadas

Sound Cloud. Erik Marcelo & VMC VS Sick Individual – Sé (Main Mix). Disponível em: (<https://soundcloud.com/erikmarcelolives/erik-marcelo-vmc-vs-sick-individuals-se-main-mix>.) Acesso em outubro de 2016.

_____. Beijinho no ombro – Valesca (remix Carlos). Disponível em: (<https://soundcloud.com/lucas-canniello-uber/beijinho-no-ombro-valesca>) Acesso em outubro de 2016.

_____. O som muito incrementado da Terça do Vinil Vol. 02. Disponível em: (<https://soundcloud.com/dj440/o-som-muito-incrementado-da-terca-do-vinil-vol02>). Acesso em outubro de 2016.